

CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM A FESTA DO CINEMA ITALIANO: O OUTRO 25 DE ABRIL
8 e 12 de abril de 2024

UNA QUESTIONE PRIVATA / 2017

Um filme de Paolo e Vittorio Taviani

Realização: Paolo Taviani / *Argumento:* Paolo Taviani e Vittorio Taviani, a partir do romance homónimo de Beppe Fenoglio / *Direção de fotografia:* Simone Zampagni / *Direção de som:* Andrea Giannetta / *Misturas:* Gianfranco Tortora / *Música:* Giuliano Taviani, Carmelo Travia / *Montagem:* Roberto Perpignani / *Direção artística:* Erita Frigato / *Guarda-roupa:* Lina Nerli Taviani, Valentina Taviani / *Maquilhagem:* Dalia Colli / *Cabeleireiro:* Francesco Scaramella / *Direção de pós-produção:* Antonella Esposito / *Efeitos especiais:* Giulia Infurna, Giuseppe Squillaci / *Assistência de realização:* Alessio De Leonardis / *Anotação:* Mariantonia Avati / *Interpretação:* Luca Marinelli (Milton), Valentina Bellè (Fulvia), Lorenzo Richelmy (Giorgio), Anna Ferruzzo (Custode), Marco Brinzi (Contadino), Francesco Turbanti (Cobra), Giulio Beranek (Ivan), Fabrizio Costella (Gilera), Lorenzo Demaria (Radiosa Aurora), Luca Cesa (Jack), Mauro Conte (Paco), Josafat Vagni (fascista), Andrea Di Maria (prisioneiro fascista), Jacopo Olmo Antinori, Alessandro Sperduti, Tommaso Maria Neri (Riccio), Luca Balsamo (partigiano).

Produção: Stemal Entertainment, Ipotesi Cinema, Les Film'd'ici, Sampek Production, em colaboração com a Rai Cinema / *Produtores:* Eric Lagesse, Serge Lalou, Elisabetta Olmi, Ermanno Olmi, Donatella Palermo / *Direção de produção:* Anne-Charlotte Bradfer, Sandra Cristofanilli / *Cópia:* DCP, colorida, falada em italiano e legendada eletronicamente em português / *Duração:* 84 minutos / *Estreia mundial:* 8 de setembro de 2017 (Festival Internacional de Cinema de Toronto) / *Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca*

Apesar dos créditos de abertura grafarem “Um film di Paolo e Vittorio Taviani”, o genérico final explica que a “regia” pertence apenas a Paolo Taviani. De facto, Vittorio morreria poucos meses depois da estreia de **Una Questione Privata**, de doença prolongada. Ainda assim, este é o último filme “dos irmãos”, sendo que depois, Paolo realizaria um outro filme, a solo, o derradeiro **Leonora addio** (2022) – Paolo faleceu no passado dia 29 de fevereiro, constituindo-se esta sessão (incluída no ciclo “A Cinemateca com a Festa do Cinema Italiano: O Outro 25 de Abril”) como uma espécie de In Memoriam em sua homenagem. **Una Questione Privata** é, em certa medida, um filme que se tendo uma série de fortes pontos de contato com a anterior filmografia dos Taviani [nomeadamente a representação da luta dos *partigiani* durante a Segunda Grande Guerra – recorde-se **La notte di San Lorenzo** (1982) – e o trabalho continuado da dupla na adaptação de textos literários ao cinema – ao longo de uma carreira com mais de cinco décadas, os irmãos trabalharam recorrentemente sobre textos de Luigi Pirandello e Lev Tolstói, mas também, de forma episódica, sobre William Shakespeare, Goethe ou Giovanni Boccaccio], marca um certo corte tonal e mesmo ideológico com a obra anterior (é, apesar de tudo, uma história de amor e ciúme entre burgueses de província).

Una Questione Privata é uma adaptação do famoso último romance – publicado já postumamente – de Beppe Fenoglio, romance esse baseado nas próprias memórias do escritor, também ele um combatente da resistência *partigiana*. Desde a sua publicação em 1963, vários foram aqueles que tentaram e conseguiram (ou não), levá-lo ao grande ecrã. O primeiro (a não conseguir) terá sido Giulio Questi que, como contou à revista *Quinlan*, «Tinha um contrato com o [Franco] Cristaldi para a realização de um filme e não tinha nenhum projeto próprio (...). Um dia ele chamou-me e perguntou-me se tinha lido os livros de [Beppe] Fenoglio, que eu conhecia muito bem. "Porque não te dedicas a uma das suas histórias?" Eu, que tinha todas as minhas memórias como *partigiano*, fiquei um pouco hesitante, porque era – como dizer – egoísta com as minhas próprias memórias; eram recordações que eu tinha tão profundamente dentro de mim que, ao escrever (...) tinha medo de as desvirtuar com o cinema, que, para o bem e para o mal, se torna uma realidade falsa. Mas gostei tanto de Fenoglio que parti para Alba e encontrei-o. Ele tinha combatido na guerra em Giulia. Ele tinha combatido na guerra em Giustizia e Libertà, e a minha brigada também era uma Gielle, por isso falámos longamente sobre o que podíamos fazer. Disse-me: "Estou a escrever uma história que penso que pode ser boa, mas ainda tenho de acabar o livro"; pegou na caneta e, ali, em cima da mesa, descreveu-me o que viria a ser *Una Questione Privata*. Deixou-me este esboço e eu refleti bastante sobre ele, empolgado também porque o enredo era muito bom; comecei a trabalhar no projeto enquanto ele continuava a escrever o livro. Passado algum tempo, durante o qual trocámos alguns telefonemas e algumas cartas, tive notícias da família sobre a sua doença. Quando ele

morreu, pouco tempo depois, o projeto caiu no esquecimento.» O certo é que, pouco após a morte do escritor, surge a primeira versão, de 1966, realizada por Giorgio Trentin, mais tarde, em 1982, Alessandro Cane assina um telefilme, e depois, Alberto Negrin realiza uma terceira versão, em 1993.

Portanto, não foi de ânimo leve que os Taviani pegaram no livro de Fenoglio, um dos romances mais amados e debatidos da literatura italiana do século XX (e, como referido, um dos mais cinemáticos – a começar pelo facto de que o romancista o escreveu já a pensar numa eventual adaptação). Pois bem, o que a dupla procurou fazer foi reduzir o filme a dois elementos essenciais, que são, nem de propósito, os dois elementos essenciais do cinema: a visão e a audição. Só que obstruindo o primeiro (quase todo o filme é construído sobre o que não se vê – por estar fora de campo ou, estando em campo, por estar oculto por um espesso nevoeiro) e valorizando o segundo (todo o filme se constrói em torno de uma memória sonora, o disco de vinil de *Over the Rainbow* de **The Wizard of Oz**, cuja melodia é retrabalhada por Giuliano Taviani e Carmelo Travia na banda sonora – em inglês o título do filme é, justamente, “Rainbow: A Private Affair”). Atribui-se a Jean Cocteau a afirmação de que, em teatro, “um homem cego é sempre trágico e um homem surdo é sempre cómico”. Em **Una Questione Privata** não se trata tanto de uma cegueira física, antes de uma incapacidade de ver o panorama geral das coisas (a paisagem), por se estar tão embrenhado com a miudeza dos acontecimentos. E não se trata, igualmente, de um particular apuramento da audição, antes a recorrência musical como uma forma de rememoração nostálgica dos tempos em que a guerra não se fazia sentir e as paixões de traçavam por entre gestos e olhares.

Como em **The Great Dictator** (1940), de Charlie Chaplin, com a conhecida sequência em que “Charlot”, enquanto soldado raso, se perde no nevoeiro e se junta, inadvertidamente, ao inimigo, também em **Una Questione Privata** o nevoeiro se impõe enquanto metáfora para as ambiguidades políticas e emocionais das personagens. O filme dos Taviani começa e acaba no branco-azulado do nevoeiro (Milton, sendo um *partigiano* alinhado com o movimento monárquico veste farda azul, por oposição ao amigo e opositor Giorgio, que alinhado com a resistência comunista veste vermelho: azul do nevoeiro, vermelho do sangue derramado) – um nevoeiro pós-produzido digitalmente, o que dá a o filme uma estranha aura de fantasia que, de forma improvável, aproxima o filme de uma faceta onírica. Como no romance, a ação começa e termina no mesmo local, uma casa senhorial na região de Langhe (os realizadores fizeram questão de rodar o filme nas paisagens onde as lutas *partigianas* decorreram e onde Fenoglio instalou a história, abeirando-se assim da atitude e do método de Satrub-Huillet em **Fortini/Cani**), ponto de partida (e de chegada) das memórias do protagonista.

A partir desse nevoeiro sugestivo de presenças e do poder rememorativa da arquitetura (belíssimo o plano em que, em continuidade, por obra e graça dos efeitos digitais, passamos do cinzentismo da guerra à luminosidade das memórias diante da fachada daquele palacete campestre), os Taviani – com a ajuda do grande montador Roberto Perpignani – trabalham a série de saltos temporais que compõe o primeiro, e melhor, ato do filme (início esse que estabelece, ainda, uma outra ponte cinéfilo-literária, com uma referência ao igualmente nevoento e hiper-romântico *Wuthering Heights*). Sendo o mais impressionante desses “saltos temporais” aquele *raccord* entre o cigarro que Milton acende, solitariamente num cemitério, e o acender do cigarro à sua “pretendente”, Fulvia (Valentina Bellè), nas ruas da Alba.

Muito embora **Una Questione Privata** sofra do peso do filme de época, com o bom gosto historiográfico dos seus guarda-roupas e a elegância modelar dos seus atores (quase sempre a pender para a o teatral – mas sem nunca fazer disso uma forma de acinte estético), o que impressiona é a forma como toda a “cegueira” do nevoeiro é trabalhada enquanto esboroamento ideológico, perdendo-se as fronteiras entre monárquicos, comunistas e mesmo fascistas (descobrimo-se fiapos de humanidade e crueldade em todas as personagens). E, inversamente, como a partir dessa “cegueira trágica” se insufla um romantismo melodramático – literalmente “melo” – que conduzirá Milton à ignomínia do assassinato e, por ciúme, ao confronto com a própria morte – extraordinário o modo como os irmãos dão a volta ao muito discutido final do romance de Fenoglio, que muitos defendem ser um final deixado em aberto apenas pela morte do escritor. Depois da floresta, talvez ferido de morte – talvez não – Milton tem um lampejo da paisagem, vasta e montanhosa (antes de ser, de novo, engolida pelo nevoeiro). Será a clarividência antes da morte? Ou será a visão histórica só possível pela distância do tempo e pelo peso da idade? Talvez seja apenas um prenúncio do presente.

Ricardo Vieira Lisboa